

LITERATURA PERIFÉRICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O FAZER LITERÁRIO E A SOCIEDADE

FLÁVIA BERGAMIN¹

RESUMO

A Literatura Periférica se propõe a abrir e criar espaço para a periferia se expressar, como uma forma de mudança literária e social. Ganhando força, principalmente, a partir dos anos 2000, tal literatura traz um olhar interno sobre a periferia, mostrando a cultura para além dos centros. Assim, o presente artigo busca entender o que a literatura periférica traz de novo, quais suas contribuições para o consumo de literatura e a produção de novos espaços literários. O estudo foi realizado através de revisão bibliográfica sobre o surgimento da literatura periférica, suas contribuições e principais autores. Como resultado, têm-se que ela aproxima escritor e público, promove espaços de produção literária e atua na formação cultural da população que a consome, buscando o acesso da periferia aos meios literários.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, periferia, representação, cultura.

ABSTRACT

Peripheral Literature proposes to open and create space for the periphery to speak, a form of literary and social change. Gaining strength, mainly from the 2000s, such literature brings an internal look at the periphery, showing that there is culture beyond the centers. This article seeks to analyze what new peripheral literature brings, what are its contributions to the consumption of literature and the production of new literary spaces. The study was carried out through a literature review on the emergence of peripheral literature, its contributions and main authors. As a result, it appears that it brings together writer and public, promotes spaces for literary production and acts in the cultural formation of the population that consumes it, seeking access to literary media from the periphery.

KEYWORDS: literature, periphery, representation, culture.

¹ Universidade Federal do ABC. E-mail: flavia.bergamin@aluno.ufabc.edu.br

“A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade.”

Sérgio Vaz

O QUE HAVIA ANTES

É possível identificar padrões estéticos e temáticos na literatura produzida ao longo dos séculos - o que fazem, de certa forma, as escolas literárias. Também é possível identificar quem escreve, a quem foi possibilitado acesso à leitura e escrita e quais discussões resultam de tais questões. Variando a seu modo e tempo, a literatura retrata o visto e o imaginado através das expressões dos autores, cabendo entender quem escreveu até o momento presente e quem o faz hoje para compreender o caminho até aqui e esboçar, talvez, para onde ela caminha.

Destacando a literatura como expressão e retrato, pode-se perguntar a quem ela se destina e quem ela representa. Ou, de outra forma, a quem ela não se destinou e quem deixou de representar, uma vez que, havendo divisões de classe, gênero e raça na sociedade, é possível esperar que o mesmo aconteça em outros espaços, como a cultura.

Com um caráter de renovação literária e mudança de discursos, o movimento modernista da Semana de 22 colocou-se como um novo espaço de expressão, sem a pressão das formas e de certas características fixas das escolas anteriores. Abriu, assim, espaço para os personagens marginalizados, os periféricos, e para diferentes formas de escrever. Idealizado cem anos após a independência do país, o movimento modernista possuiu um caráter nacionalista e crítico, disposto a discutir o que havia sido produzido e como o povo brasileiro era retratado (AMARAL, 2012). As obras de Oswald de Andrade e Mário de Andrade não pouparam críticas aos mais abastados, o que se seguiu para as gerações modernistas posteriores, que consolidaram o modernismo e trouxeram outros personagens para o plano principal: os marginalizados.

Obras como *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado, *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Morte e Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, colocam à vista personagens distantes dos centros urbanos, marginalizados por questões de classe (e, também, de raça) e pouco representados na literatura como personagens e autores. Tal manifestação teve importância ao realizar novas discussões sociais - como o descaso com a população pobre, o abandono infantil, a violência e a fome - e afirmar que o marginal também tem o que dizer, mas não abriu espaço para que ele de fato o fizesse.

Assim, tal representação não é suficiente se considerarmos que um olhar de fora vem carregado de estereótipos² que contribuem para a marginalização de grupos da sociedade - ainda que muitos autores dispusessem da preocupação de transmitir realidade em suas histórias, como é o caso de Jorge Amado com a obra *Capitães da Areia*.

A literatura em si não é fixa, os temas se alteram por seu contexto, necessidade e preocupação de quem escreve, mudando ao longo do tempo. Assim, passados cem anos da Semana de Arte Moderna, o presente artigo busca analisar os rumos que a literatura seguiu através da literatura periférica e como ela contribui para a construção de novas narrativas sobre o povo brasileiro, a partir das histórias que são contadas pelos autores periféricos. O que é contado de novo? De que forma essa manifestação contribui para novos espaços de produção literária? Pretende-se entender, também, se a partir dela é possível uma democratização do acesso à literatura.

A metodologia utilizada para a concretização do artigo consiste em uma revisão bibliográfica sobre o que é Literatura Periférica, quais são seus principais autores e objetivos e, também, como a crítica a recebeu e a recebe hoje. Também foram revisados materiais sobre os resultados dessa manifestação literária no que tange às mudanças que ocorreram no meio literário, bem como o surgimento de novos espaços e novas discussões, a fim de entender a contribuição da literatura periférica para a sociedade.

A LITERATURA PERIFÉRICA

Para Sérgio Vaz, “quanto a nós, capitães de Areia e amados por Jorge, não restou outra alternativa a não ser criar o nosso próprio espaço para a morada da poesia” (VAZ, 2008, p. 12). Ela surge como uma tentativa de representação de si através de um olhar que foge ao que não é escrito por ela mesma, é um olhar interno (OLIVEIRA, 2017). Isso mostra que a literatura periférica é sobre levar histórias, poesias, peças de teatro e declamações para onde quase não há incentivo para tal e levar o mesmo dali para outros espaços para mostrar que ela existe e está acontecendo. É sobre o cotidiano, o que acontece ou deixa de acontecer, a violência, o amor, a desigualdade, os sonhos. Sobre as pessoas e a partir delas mesmas. Também é sobre reivindicar espaços de cultura.

Cabe destacar que, por um período, a literatura periférica também foi chamada de marginal, por ser produzida por pessoas da periferia, às margens das cidades, principalmente na época de

² Segundo Neto e Vogler (2013), isso se caracteriza como violência epistêmica, de acordo com Spivak (2010), uma vez que alguém (o olhar de fora) fala pelo outro no lugar de deixá-lo falar, proporcionando mais uma violência.

publicação da obra *Capão Pecado* (2000), de Ferréz. Essa denominação, no entanto, se confunde com a *geração mimeógrafo* da década de 1970, em que universitários e intelectuais distribuíam poesias às margens do mercado editorial tradicional. Hoje, o termo “periférica” é mais abrangente e refere-se, de fato, a quem produz cultura na e para a própria periferia, tendo sido oficializado em 2005 com a publicação de *Vão*, livro de Allan da Rosa (VIERA, 2011; LEITE, 2014).

Como defende Cleber José de Oliveira (2017), Carolina de Jesus marca o início da Literatura Periférica com *Quarto de Despejo* (1960) - ou, pelo menos, abriu espaço para que outras histórias periféricas surgissem, além de inúmeras discussões sobre o papel da literatura, quem pode ou não escrever e como isso deve chegar ao público. A partir dos anos 2000, novos autores periféricos passaram a surgir e conquistar espaço, como Sérgio Vaz, criador da Cooperifa e autor de *Flores de Alvenaria* (2016).

Em *Cooperifa - Antropofagia Periférica* (2008), Vaz apresenta a construção do Sarau da Cooperifa, que começou como uma reunião simples para discutir poesia nas quartas-feiras à noite e se tornou um dos maiores saraus da cidade, e, também, da Semana de Arte Moderna da Periferia, que movimentou cultura na Zona Sul da cidade em 2007. Inspirada na realização de 1922, a semana periférica reuniu literatura, arte, música e teatro, uma manifestação que pediu por mais arte nos espaços distantes dos centros e mostrou que há cultura, há produções e produtores artísticos que precisam de oportunidade.

É importante que a periferia possa, de fato, falar sobre si, uma vez que “assumir uma posição subversiva perante o Estado, produzir seu próprio discurso literário, artístico, é, sobretudo, uma forma de resistência aos séculos de exclusão social a que foram submetidos” (OLIVEIRA, 2017, p. 47). A negação de espaços às pessoas periféricas ultrapassa os limites físicos e a divisão centro versus periferia. É histórico e se relaciona com serviços básicos de habitação, de alimentação, de saúde, de educação e de acesso à cultura.

Além disso, Regina Dalcastagnè (2011) reforça que não deixar a periferia falar por si é perder diversidade, perder representação. Promove-se, assim, ainda mais segregação ao impedir (ou não possibilitar) que as pessoas escrevam e se expressem. Cabe, assim, pensar o que essa manifestação representa, o que ela movimenta e discutir o que o produzir literatura na periferia pode gerar - para ela e para o lado de fora.

Ferréz, autor de *Capão Pecado* (2000), afirma que a literatura periférica é “literatura de rua com sentido, sim, com um princípio, sim, e com um ideal, sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país, mas não recebe sua parte” (FERRÉZ, 2005, p. 9-10 *apud* VOGLER; NETO,

2013), o que evidencia o forte caráter social que a poesia e a prosa trazem. Base social essa que não se manifesta apenas nas obras, em palavras, mas nas ações desenvolvidas individualmente e no coletivo, a quem essa literatura se destina e como ela, de fato, chega às pessoas.

CONTRIBUIÇÕES PARA NOVAS NARRATIVAS

É a partir dessa literatura, também, que se entende a pessoa da periferia como sujeito que pode falar por si mesmo, tendo que ultrapassar barreiras sociais e raciais intrincadas na sociedade (OLIVEIRA, 2017). Muda-se, assim, a figura do intelectual que Spivak e Foucault (2010) discutem, pois ele deixa de ser a pessoa externa a determinado grupo e passar a ser alguém de dentro, disposto a construir o que ele sabe junto com a comunidade.

O caráter social da literatura se manifesta em muitos dos períodos literários, como o Realismo de Machado de Assis e Júlia Lopes de Almeida, o Modernismo já citado e o Concretismo dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos, para citar apenas alguns exemplos. Da defesa dos temas abordados ao desapego às normas estéticas, houve discussões sobre o papel da mulher na sociedade, quais violências do período colonial ainda se manifestam no presente e quais as consequências da desigualdade social, com muitas provocações. Agora, no entanto, tais discussões partem da outra ponta, através da escrita e das histórias construídas, e não mais do ponto de vista da burguesia e da classe média.

E sobre tal construção, temos que a literatura periférica não cabe em uma “caixinha”, mas algumas características são comumente encontradas nos trabalhos produzidos, como as falas de protesto e de denúncia das desigualdades, de racismo, de como a sociedade percebe a periferia e nega seu acesso à cultura e à educação. Essas características aparecem por meio da humanização do marginalizado, a pessoa e o personagem, abandonando o tratamento que exotiza, que enfatiza uma segregação. O marginal aparece como escritor, como alguém que se expressa a partir de si (e não de outro) e provoca quem lê - o que não é totalmente bem recebido pela crítica e a população leitora de fora da periferia, que ainda definem autoras como Carolina Maria de Jesus de forma exótica e alguém que deve escrever apenas sobre suas opressões, e não como uma autora que pode explorar gêneros literários e assuntos diversos (DALCASTAGNÉ, 2011).

Ferréz destaca que ele, enquanto autor, quer que sua literatura chegue à população das comunidades, mas que se expanda para além disso, que ele possa ocupar o espaço que os clássicos

da literatura possuem e que o mesmo aconteça com seu público. Além disso, que a periferia também tenha acesso à literatura clássica e aos espaços culturais (HOLLANDA *apud* VIERA, 2011).

Assim, a literatura periférica surge para mostrar os autores como eles são e da forma como escrevem, sobre o que escrevem. É o que traz a revista *Caros Amigos*, publicada entre 2001 e 2004, com um total de 80 textos de 56 autores e o subtítulo de “literatura marginal” (LEITE, 2014, p. 9). Autores como Sérgio Vaz, Paulo Lins, Alessandro Buzo, Allan da Rosa e Mano Brown integraram os volumes, compondo o marco das publicações dessa literatura, que não se restringe a São Paulo. A partir de então, novas obras foram lançadas, como é o caso de *O rastilho da pólvora – antologia poética do sarau da Cooperifa*, de 2004, que reúne poemas de participantes do Sarau da Cooperifa, o pioneiro e mais famoso de São Paulo, e os espalha de mão em mão. O sarau em si e a repercussão do livro abriram espaço para que mais saraus surgissem e continuassem a produção literária em outros lugares.

Algo se destaca na publicação das obras: a posição da grande mídia. Quanto a esta, pouco se falou sobre a revista *Caros Amigos* e a Semana de Arte Moderna da Periferia, construções que eram novidades e foram realizadas, inclusive, manualmente, sem o apoio de grandes jornais e televisões (BRANDILEONE, 2016). Isso, no entanto, não significa que o público não tenha se interessado - o que será discutido quanto ao mercado editorial periférico -, mas que muitas pessoas não chegaram a conhecer por se tratar de um circuito menor. Tal postura também se deve, provavelmente, aos discursos da literatura periférica e seu caráter crítico-social.

DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À LEITURA E À PRODUÇÃO LITERÁRIA

Assim, é possível questionar se, a partir dessa literatura, há uma democratização do acesso à leitura e à produção literária. Podemos começar com a música, em especial o RAP, *Rhythm and Poetry* (Ritmo e Poesia), que é a base de muitos autores periféricos (LEITE, 2014). Tal gênero, ligado ao movimento Hip Hop, aparece na formação cultural de quem escreve e nas obras, assemelhando-se pelos temas abordados e pelas falas. Ao levar as letras em forma de prosa e poesia, realiza-se um exercício de aproximar música, literatura e indivíduo, além de chamar para a literatura quem se identifica ou trabalha com a música.

Grandes concentradores de autores periféricos, destacam-se os saraus como espaços de construção e troca de conhecimento, além de formação, como coloca Antonio Leite (2014). O autor destaca a importância dos espaços para a difusão da literatura, uma vez que são mais acessíveis financeiramente, estimulam a participação com escrita e leitura de poemas e acontecem onde a

população está. Além disso, muitas obras são lançadas após os encontros, com antologias e livros em prosa, movimentando o espaço local e expandindo o alcance dos textos.

Um exemplo é o Sarau dos Mesquiteiros, criação do educador Rodrigo Ciríaco, que iniciou em duas escolas estaduais da Zona Leste de São Paulo e passou a desenvolver atividades literárias e artísticas, unindo música, teatro e grafite em outros espaços públicos. As atividades chegaram a alcançar cerca de cinquenta mil pessoas nos dez anos de funcionamento, além da publicação de muitos autores e textos inéditos (Periferia em Movimento, 2016).

Em *A educação intercultural em prática: a literatura marginal/periférica e o sarau dos Mesquiteiros* (2014), as autoras Scarlet Buzzi e Taís Eble retomam a importância cultural das atividades desenvolvidas, destacando a construção coletiva da literatura periférica e seu caráter social:

Os participantes expõem as suas experiências, sentimentos, esperança, expectativas e também o seu posicionamento diante dos problemas e desigualdades sociais no sarau e consideram como objetivos principais do Sarau e do Grupo Os Mesquiteiros as práticas que envolvem a cultura e a literatura marginal/periférica (BUZZI, EBLE, 2014, p. 4).

A contribuição da literatura periférica também se expande para a produção editorial, como mostra o surgimento da Câmara Periférica do Livro, projeto idealizado pela ONG Ação Educativa com apoio do Programa de Ação Cultural (PROAC) da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo. Tal ação tem como objetivo mapear os espaços editoriais existentes, entender como se estruturam e quem os constrói, além de abrir espaço para divulgação das editoras (LEITE, 2020).

O documento *Editoras e Selos Editoriais das Periferias de SP* (2020) traz um panorama de como se estrutura o mercado editorial nas regiões periféricas, quantos livros são lançados e quais os impactos desse “circuito alternativo”. No total, 18 editoras criadas entre 2005 e 2019 participaram da pesquisa, que coletou dados até abril de 2020. Estas editoras publicaram 375 livros de 275 autores, sendo um terço de mulheres e um terço de pessoas negras publicadas (AÇÃO EDUCATIVA, 2020, p. 9).

A maioria delas atua na área de educação e cultura, ambas com 37,5% cada, e focam na publicação de obras de literatura periférica (30,8%), seguido de obras de autores negros (23%) e obras feministas (12,8%). Além disso, 7,7% delas focam em obras LGBTQI+, gerando espaço para discussões relativas ao tema e para que autores LGBTQI+ periféricos também publiquem suas obras. Metade das editoras se localizam na Zona Sul de São Paulo (AÇÃO EDUCATIVA, 2020, p. 9-23).

Cabe destacar o conceito de bibliodiversidade como ação realizada:

Assim, essas editoras/selos das periferias efetivam na prática o conceito da bibliodiversidade, constituído pela edição, publicação, circulação e acesso a livros que representem as diversidades mais amplas (como sociais, culturais, geográficas) e mais específicas (como as relacionadas a gênero, étnico-raciais, migrantes e imigrantes, etc.). Neste sentido, **a pesquisa revelou que as editoras/selos das periferias reúnem juntas o maior catálogo da bibliodiversidade atual no país** (AÇÃO EDUCATIVA, 2020, p.23. **Grifo nosso**).

Com relação ao faturamento, em 2019, 33,2% das editoras recebeu até 5 mil reais, 16,7% até 10 mil, também 16,7% até 20 mil e cerca de 22,2% não sabiam o faturamento exato. Considerando as 375 obras vendidas a um preço de R\$ 20,00, a estimativa de movimentação total chega a 3 milhões e 750 mil reais, o que revela uma expressividade das editoras e selos (Ação Educativa, 2020, p. 29-44). Ainda, 55,6% das editoras já utilizaram recursos públicos ou editais para produzir obras, sendo os principais o VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), da Secretaria Municipal de Cultura e o PROAC. Destaca-se, assim, a importância (e também necessidade) de fomento público à produção cultural periférica.

Ainda, há o local onde as editoras periféricas distribuem suas obras, tendo os saraus ocupado a primeira posição (29,3%), seguidos de eventos literários (24,1%), bibliotecas públicas (15,5%) e loja virtual (13,7%). Complementando as discussões anteriores, 33,3% comercializam livros de mão em mão e 29,9% em eventos literários, além de que mais da metade utilizam livrarias físicas (55,6%) (Ação Educativa, 2020, p. 56-70).

Entender o mercado editorial periférico é analisar como se estrutura a parte da literatura periférica que não é amplamente divulgada, que começa se autossustentando e que tem crescido nos últimos anos, lançando escritores e contribuindo para o cenário cultural. Além disso, há o caráter social dessa literatura, que se expande para além de si mesma com ações como a desenvolvida em 2020 pela Cooperifa e o Bloco do Beco. Cestas básicas e culturais (com livros e materiais de escrita) foram distribuídas em alguns bairros da Zona Sul de São Paulo. Para Sérgio Vaz, a ação se deu pela necessidade de fortalecer ideias e pelo reconhecimento do momento de crise que assola o país - em especial, a periferia (STABILE, 2020).

Além da ação direta acima, a literatura periférica promoveu uma relação mais próxima entre escritor e público, bem como uma aproximação entre cultura, educação e pessoas. O evento *Reflexões sobre Literatura Periférica e Universidade*, realizado em 2018 na Universidade de São Paulo, reuniu autores e pesquisadores, como Érica Peçanha do Nascimento e Heloísa Buarque de Hollanda, e levantou fala sobre como os saraus levaram jovens a se interessarem e seguirem nas

áreas de educação, cultura e até outras³ (BELLESA, 2018). Isso se dá, provavelmente, por aproximação e identificação com o que é produzido e com a difusão dessa oportunidade de produzir.

No texto *A Literatura Periférica como impulsionadora de Mudanças nos bairros periféricos* (2015), Elaine Martins aborda uma ação realizada na Escola Municipal M'Boi Mirim II. Primeiro, os alunos do oitavo e nono ano foram apresentados à literatura, discutiram o que é literatura periférica, entendendo conceitos e obras e, também, participaram de discussões sobre o bairro onde vivem; depois, participaram de atividades culturais na Cooperifa e na Fábrica de Cultura para, no fim, escreverem um Texto Colaborativo Autoral (TCA) envolvendo suas experiências e algo prático com relação ao lugar onde vivem (MARTINS, 2015).

A proposta do TCA é incentivar os alunos a observarem o bairro onde se localiza a escola, o que acontece nele e como algumas ações podem ser desenvolvidas, tendo a literatura auxiliado neste processo de conhecer o local onde se vive e pensar sobre ele. No geral, Martins (2015) destaca que houve uma relação positiva em que alguns alunos passaram a frequentar atividades da Cooperifa e buscar outras referências de leitura, tendo o projeto mostrado “que a intervenção cultural em sala de aula contribui positivamente para a confiança do aluno, o engajamento curricular e a relação professor-aluno” (MARTINS, 2015, p. 16).

Márcio Marinho (2015) destaca um outro espaço de atuação dos autores periféricos: o de jovens em conflito com a lei. Novamente, o lado social da literatura periférica, em que autores levam suas obras para que os jovens se interessem pelo meio artístico, pela cultura e pela educação, também debatendo sobre questões sociais. Tal ação é retratada em um poema do livro *Flores de Alvenaria* (2016), intitulado Na Fundação Casa, em que Negro Drama, música do Racionais MC's, é apresentada como poesia e ganha atenção dos jovens. Ali, Sérgio Vaz mostrou que a literatura não está tão distante das pessoas.

É possível dizer, pelas produções existentes e o crescente aumento de editoras e projetos periféricos, que a periferia lê, se interessa por literatura e por escrita, mas ainda falta incentivo. Regina Dalcastagnè afirma que existe uma “necessidade de democratização no processo de

³Em *Bel Santos: poder transformador da literatura* (2020), Isabel Mayer discute a importância da criação de uma biblioteca comunitária em um bairro periférico de São Paulo, a região de Parelheiros. Construída por jovens da região, a biblioteca Caminhos da Leitura fomenta a leitura e a educação, de modo a possibilitar a comparação entre o que pensavam os jovens ao construir a biblioteca e os mesmos hoje, onde estão e com o que estudam. São jovens que trabalham e/ou estudam em graduações e pós-graduações, incentivados pelo conhecimento de diferentes obras literárias. Elas não são apenas periféricas, mas as construções de espaços culturais dentro da periferia fazem parte das manifestações do movimento literatura periférica.

produção da literatura – que jamais estará desvinculada da necessidade de democratização do universo social” (DALCASTAGNÈ, 2011, p. 70). Isso reforça a necessidade de uma luta que vai além da literatura. Acontece através dela, mas exige ações de outras partes, para que o acesso à literatura, como afirma Candido (CANDIDO, 2004 *apud* NETO & VOGLER, 2013), seja tratado como inalienável, para que esteja ao alcance da população e esta possa produzir, sem medo, o que tiver interesse. É uma caminhada que integra a luta pela garantia dos serviços básicos.

OUTRAS DISCUSSÕES E A LITERATURA PERIFÉRICA

Entendendo que a literatura periférica contribui para a formação de leitores e profissionais da cultura e para o incentivo à leitura, podemos analisar de que maneira ela abre espaços para discutir raça e gênero. Oliveira (2017) discute como essa literatura foca na conscientização dos espaços em que está inserida, o que se liga com os discursos e ações apresentados anteriormente. Há construção coletiva e ações que buscam atingir as pessoas de igual para igual, mostrando que autor e leitor podem estar juntos, e que as experiências, as semelhantes e as distintas, contribuem para o fazer literário e pela luta por uma literatura acessível. É o fomento ao “artista-cidadão” como coloca o Manifesto da Antropofagia Periférica (VAZ, 2008, p. 247).

Retomamos os saraus como espaços de construção e difusão da literatura, promovendo mais diversidade por serem mais abertos ao público, realizados de forma gratuita e onde as pessoas estão. Além disso, há discussões sobre gênero nesses espaços, como o *ajoelhaço* do Sarau da Cooperifa⁴, que vai contra o machismo e busca chamar atenção para a importância da presença das mulheres nos espaços. Nos livros publicados, a maioria dos textos são de homens, o que tem sido colocado em discussão.

Por outro lado, temos as mulheres fazendo espaço nas batalhas de rima, como o Slam. O *SLAM BR - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada* acontece anualmente e reúne participantes do país todo, tendo mulheres como vencedoras dos últimos anos - e grande quantidade de finalistas também mulheres. É necessário reconhecer tal espaço como formador e acolhedor de poetas e poetisas, uma vez que ele estimula a criação literária e, também, o interesse por outras áreas da cultura periférica, como a música.

⁴O *ajoelhaço* foi uma manifestação ocorrida no dia da mulher (8 de março) durante o Sarau da Cooperifa. Apenas mulheres falaram ao microfone e, ao fim do sarau, os homens precisavam se ajoelhar por todos os séculos de machismo (VAZ, 2008).

Além da presença, a forma como as mulheres são representadas na literatura deve ser destacada. Em obras clássicas dos mais diferentes períodos literários, a mulher era romantizada ou exotizada como um animal, cabendo os estereótipos negativos, principalmente, às mulheres negras (EVARISTO, 2005 *apud* ALMEIDA, 2017). Hoje, resultado de décadas de luta por mudanças, há o espaço das mulheres negras e periféricas na literatura não mais como personagens construídos por discriminações, mas como autoras de suas próprias histórias.

É o que fazem as poetisas Luz Ribeiro e Elizandra Batista de Souza, que escrevem textos do intimismo à revolta, não deixando de lado questões históricas e sociais ao falar de gênero e raça. Como coloca Márcio Marinho (2015), Elizandra Souza apresenta não uma aceitação, “mas uma visão consciente da necessidade de reparação histórica” (MARINHO, 2015, p. 65), trazendo um contexto para discussão. Além disso, as autoras trabalham conceitos de ancestralidade e autoestima da mulher negra.

Desta forma, a literatura periférica contribui para, além da formação cultural de leitores, a discussão de temas necessários para a construção do *artista-cidadão* e de uma literatura que não precise falar por, mas que esteja aberta e tenha espaço para quem desejar escrever.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, que buscou apresentar as contribuições da literatura periférica, não apenas no fomento à literatura, mas para a sociedade como um todo, se soma a outras pesquisas sobre esse movimento, que tem fincadas raízes na literatura brasileira e no cenário cultural. Do Modernismo até o presente, a literatura se modificou, sendo o nosso recorte a que surge e se desenvolve na periferia, representando, de fato, pessoas e estimulando a construção coletiva. Quase cem anos após a Semana de Arte Moderna, essa é uma das principais diferenças observadas, a enfática luta por conscientização e por mudanças sociais.

A literatura acontece agora e se forma com autores da própria periferia, trabalhando uma representação real nas histórias, diferente do realizado em períodos anteriores. Aqui, não há apenas representação, mas ação, uma vez que a cultura periférica acontece a partir da necessidade de se formar e se expressar sobre as realidades dos indivíduos da periferia e tem como base o social, o desejo de levar literatura - e não apenas, mas também os serviços básicos - à população que não tem acesso a ela.

Com muitas referências às obras clássicas, alguns autores questionam e ressignificam as histórias canonizadas, trazendo-as para o cenário em que vivem. A literatura periférica, assim, traz

um novo olhar para os movimentos literários, algo que parte do interno e carrega uma preocupação social que ultrapassa as páginas dos livros.

Ela reivindica e conquista espaços culturais enquanto aproxima quem produz literatura de quem a consome, colocando o público para participar. Também se trata de uma ponte no combate à desigualdade social e racial, uma vez que promove espaços mais acessíveis, chega até a população e discute as questões enfrentadas por, em especial, a população pobre. É, como já citado, uma forma de resistência às violências e ao silenciamento sofridos. Destacam-se os saraus como espaços de formação educacional, que popularizaram a poesia e o fazer literário em si, bem como a importância de compartilhar os escritos e as falas.

Assim, é possível perceber a literatura periférica como uma manifestação que visa o maior acesso ao consumo e à produção literária, num esforço de democratização de tais acessos. Para ela, é importante que a periferia produza conteúdo, como vem produzindo há décadas, que isso chegue à sociedade e que o ato de ler e se interessar por poesias e prosas esteja ao alcance de todos.

É necessário continuar observando o que acontece neste meio literário, desde o mercado editorial crescente, suas necessidades e anseios, até quem está participando dos saraus e publicando obras, a fim de ampliar o alcance da literatura periférica e acompanhar os talentos que surgem nos encontros. Por fim, devemos lembrar que essa literatura representa existência e resistência, atuando lado a lado com as lutas por uma sociedade menos desigual e para que o acesso à cultura seja possível para todas as pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AÇÃO EDUCATIVA. **Editoras e selos editoriais das periferias de SP perfil 2020**. São Paulo: Ação Educativa, 2020
- ALEXANDRE, Gisele. ‘Não escrevemos para pessoas, escrevemos com elas’, diz Sérgio Vaz sobre Cooperifa. **Agência Mural**. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/nao-escrevemos-para-pessoas-escrevemos-com-elas-diz-sergio-vaz-sobre-cooperifa/>. Acesso em: 26 set. 2021.
- ALMEIDA, Rayana Alves de. Literatura e (re)existência: a voz marginalizada da periferia como empoderamento popular. In: **II JORNADAS LATINO-AMERICANAS DE LINGUAGENS E CULTURA**, Foz do Iguaçu: UNILA, p. 3-11, 2017.
- AMARAL, Aracy. O modernismo brasileiro e o contexto cultural dos anos 20. **Revista USP**. São Paulo, n. 94, p. 9-18, jun./jul./ago. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/45021/48633>. Acesso em: 26 set. 2021.
- BELLESA, Mauro. Literatura periférica: a vida contada sem intermediários. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/literatura-da-periferia/>. Acesso em: 26 set. 2021.
- BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile. LITERATURA MARGINAL: O LUGAR E A VOZ DA CRÍTICA LITERÁRIA. **XV ENCONTRO ABRALIC**, 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491262475.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.
- BUZZI, Scarlet Karen; EBLE, Taís Aline. A educação intercultural em prática: a literatura marginal/periférica e o sarau dos Mesquiteiros. **X ANPED SUL**, Florianópolis, 2014.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 20, p. 33–77, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8925>. Acesso em: 6 nov. 2021.
- KARPUSKA, Laura. **Bel Santos: poder transformador da literatura**. Podcast EconomistAs, out. 2020. Podcast. 34 min. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/63Q540Mc2uQLqMH5N8QAed>. Acesso em: 22 set. 2020.
- LEITE, Antonio Eleilson. Marcos fundamentais da Literatura Periférica em São Paulo. **Revista Estudos Culturais**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/98368>. Acesso em: 6 nov. 2021.
- LEITE, Antonio Eleilson. Literatura periférica, borbulhante e singular. **Outras Palavras**, 03 abril. 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/literatura-periferica-borbulhante-e-singular/>. Acesso em: 20 out. 2021.

MANTINS, Eliane Donizeti. **A literatura periférica como impulsionadora de mudanças nos bairros periféricos**. Curitiba, 2015. 20 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

MARINHO, Márcio Vidal. **COOPERIFA E A LITERATURA PERIFÉRICA** : poetas da periferia e a tradição literária brasileira. 2015. xx f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2015

OLIVEIRA, Cleber José de. Literatura modernista e literatura periférica: engajamentos intelectuais de representação e autorrepresentação. **ArReDia**, Dourados, v. 6, n. 10, p. 43 - 57, jun. 2017. ISSN 2316-6169. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/view/6121>. Acesso em: 26 set. 2021.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. “Pode pá que é 10!”: uma década de incentivo à leitura e literatura nas escolas. **Periferia em Movimento**, 12 dez. 2016. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/pode-pa-que-e-10-uma-decada-de-incentivo-leitura-e-literatura-nas-escolas>. Acesso em: 20 out. 2021.

RODRIGUES, Jefferson. Com estímulo a quem lê e escreve, periferias criam próprio circuito literário. **Periferia em Movimento**, 26 mai. 2021. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/circuitoliteratura/>. Acesso em: 20 out. 2021.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Minas Gerais: Editora UFMG, 2010.

STABILE, Arthur. Na quarentena, Cooperifa e Bloco do Beco doam cestas e livros na quebrada. **Ponte Jornalismo**. Disponível em: <https://ponte.org/na-quarentena-cooperifa-e-bloco-do-beco-doam-cestas-e-livros-na-quebrada/>. Acesso em: 20 out. 2021.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa: antropofagia periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VIERA, Aline Deyques. **O clarim dos marginalizados**: A literatura marginal/periférica na Literatura Brasileira Contemporânea. 2011. 93f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VOGLER, Bianca do R.; NETO, Miguel S. O Manifesto da Literatura Marginal: O texto “Terrorismo literário”, de Ferréz, e o poder de desvendamento do mundo e do movimento artístico da Literatura Periférica. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 35, n. 1, p. 83-93, jan/jun. 2013. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>.